

UNIFEOB
Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio
Bastos
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fábrica de Campeões

Orientador:

Francisco Paulino de Abreu Neto

Larissa Carvalho Souza 19001206

Maria Rita de C. Mariano 19001257

Micaela da Silva Santos 19001253

Raphaela Massaro Reis 19000890

Raquel Aparecida Guedes 19001255

karoline Poliana de Moraes 19001361

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP
Maio de 2020.

Introdução

O Brasil sempre foi visto como um país celeiro de grandes atletas de elite, porém a partir do ano de 2014, com a Copa do Mundo de Futebol e com a confirmação de presidir os Jogos Olímpicos de 2016, os assuntos de debate e pesquisa que envolvem o esporte de alto rendimento ganharam destaque e mais pesquisadores adeptos da área que buscam entender o esporte como prática e movimento sócio cultural e econômico (PREUSS, 2008 apud CAMPOS; CAPELLE; MACIEL, 2017, p. 32).

Existem poucos programas governamentais que incentivam, mas não valorizam a prática esportiva, como por exemplo, o Programa Bolsa Atleta. A Lei nº 10.891/2004, regulamentada em janeiro de 2005, A Lei nº 10.891/2004, regulamentada em janeiro de 2005, segundo o portal do Ministério da Cidadania, beneficia os atletas de alto rendimento que obtêm bons resultados em competições nacionais e internacionais de sua modalidade.

É seguindo esse contexto que o seguinte projeto tem em vista englobar a importância de técnicos no desenvolvimento de atletas desde a iniciação até o alto rendimento e na vida social, morfológica, psicológicas e estrutural de seus atletas para ajudá-los em suas metas mesmo com pouca infraestrutura. E como o Brasil poderia melhorar o quadro de atletas bem sucedidos com oportunidades esportivas.

Treinador e atleta da iniciação ao alto rendimento

O treinador é um dos profissionais mais importantes na preparação de um atleta. Contudo ainda existem varios treinadores, que por pouco de conhecimento ou por ambição, trabalhãocom treinamentos voltados para adultos em crianças (Losa, 2007). Ele deve ser uma pessoa devidamente formada e com habilidades técnicas e pedagógicas para um cargo dessa natureza (Pereira, 1996).

De acordo com Hodges e Franks (2002), citados por Sobrinho, Milistetd e Mesquita (2010), A função mais importante de um treinador é ser professor, sendo assim, ele deve ensinar o atleta o que fazer, como fazer e porquê de fazer (s.n.).

Também deve entender que a preparação tem que vir antes a especialização, porque rejeitar fases, antecipando alguns tópicos de aprendizagem, é prejudicar o crescimento do jovem atleta, impedindo-o de manter uma margem continuada ao longo do tempo (RAPOSO, 2006 apud MOITA, 2008, p.29), situação em que não se respeita o fato de que um atleta passa por diversas fases, antes de atingir os mais altos níveis de desempenho desportivos (GARGANTA, 1986 apud MOITA, 2008, p.30).

A respeito do papel do treinador enquanto orientador de equipes:

[...] torna-se muito importante se aceitarmos que as suas ações implicam não só o ensino e aperfeiçoamento de competências físicas, técnicas e motoras, mas também envolvem um efeito sobre o desenvolvimento psicológico dos atletas, através da transmissão de um conjunto de princípios e valores acerca do desporto, seja pela forma como os ajudam a lidar cada vez mais eficazmente com as crescentes exigências da competição. Uma das abordagens mais recentes do estudo da liderança tem centrado a sua atenção sobre estas questões, procurando analisar a capacidade dos líderes introduzirem mudanças nos valores e ideais dos membros do grupo/organização bem como na melhoria da performance das organizações onde se inserem (BASS, 1985; CONGER; KANUNGO, 1987; HOUSE, 1977 apud GOMES; CRUZ, 2006, p. 5).

Bizzocchi (2000, p.175), considera que a direção de uma equipe não se está somente na forma de orientá-la numa partida, já que ela está presente em todos os momentos, do começo ao fim da temporada (apud ANFILO, 2003, p.48). Bizzocchi (2000) comenta que também é necessário que o treinador saiba o quanto seu comportamento afeta as atitudes de seus jogadores, incentivando a elaborar métodos que mostram que não apenas uma melhor aprendizagem, mas também uma melhor formação moral. (apud ANFILO, 2003, p. 48).

Iniciação Esportiva

As crianças e jovens devem ter tratamentos específicos de acordo com a sua idade, porque os seus interesses, gostos e vontades mudam conforme aumentam na idade. Crianças com oito anos tem desejos diferentes a do pré-adolescente de 14 anos (Gomes, 2010)

No processo de iniciação à prática esportiva, é fundamental que o treinador observe e respeite o estágio de desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo desses jovens atletas, pois é na infância a fase mais inovadora e intensa de uma pessoa, é nela que vivencia um período de muitas descobertas.

Os trabalhos nos treinamentos nessa fase devem ser aplicados com baixa intensidade e sem cobrança sobre desempenho, pois as crianças ainda não estão preparadas para serem cobradas pelo seu rendimento. Devem ser apresentadas atividades de maneira lúdica, como jogos e brincadeiras, em que se desenvolva habilidades de um modo geral (BOMPA, 2002 apud CARDOSO; SILVA, 2010, s.n.).

Para Friedmann (1992), de acordo com o Portal Educação, Sob a perspectiva de Piaget (1974), apontado por Friedmann (1992) – citado no Portal Educação a criança ao mostrar atitudes lúdicas aponta o nível de seu estágio, fase cognitiva e montam conhecimentos. Sob a perspectiva de Piaget (1974), apontado por Friedmann (1992), o jogo pode ser construídos de três maneiras : de exercício simbólico, construção e regra e, dessa forma as brincadeiras crescem de acordo com a idade. Perto dos 2 e 7 anos, a atividade lúdica ganha o caráter simbólico” (KISHIMOTO, 2008 apud PORTAL EDUCAÇÃO, s.d.).

De acordo com o Portal Educação, é após “os seis anos que aparecem os jogos de regras, que calculam relações sociais, conforme são passadas de geração a geração e suas características são independentes da vontade dos indivíduos que participam deles . Nesse sentido, regras se tornam “uma regularidade imposta pelo grupo e violá-la representa uma falta” (PORTAL EDUCAÇÃO, s.d.).

Abordando as autoras Cória-Sabini e Lucena (2004), o Portal Educação traz que os jogos de regras denominam -se por ser uma conciliação sensório-motora (corrida, jogo de bola, dentre outras) ou intelectuais (cartas, xadrez), com competição dos indivíduos regulamentado por um código (s.n.).

Para Vygotsky (1999), citado no artigo do Portal Educação:

Se ignoramos as necessidades da criança e os incentivos que são eficazes para colocá-la em ação, nunca seremos capazes de entender seu avanço de um estágio de desenvolvimento para outro, porque todo avanço está

conectado com uma mudança mais acentuada nas motivações, tendências e incentivos (s.n.).

Ainda segundo o Portal Educação, Vygotsky (1984) atribui importante o papel do brincar na formação do pensamento infantil (s.n.). Seguindo essa ideia, é no jogo e na brincadeira que a criança mostra seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor, seu jeito de aprender e entrar em uma relação cognitiva com o mundo de acontecimentos, pessoas, coisas e símbolos (s.n.).

Especialização Esportiva

De acordo com Damo e Melo (2010) – citados por Soares et al. (2011) - a formação de atletas, perto dos 12 anos de idade, tem duração de, aproximadamente, 5000 a 6000 horas de treinamentos voltados para o preparo físico e de domínios de técnicas psicológicas e corporais.

Nesta fase, a carga de treinamento é aplicada de forma intensa e especializada, obtendo o melhor resultado no aperfeiçoamento técnico.

É durante este período que acontecem várias exportações desses jovens atletas para países e continentes mais ricos financeiramente, já que a maior parte desses atletas em formação buscam jogar na Europa, visando êxito financeiro e profissional, melhor do que a maioria dos clubes brasileiros podem oferecer. Além disso, vale destacar que, no Brasil, muitos atletas em formação acabam deixando os estudos num segundo plano, devido às cargas de treinamento, as viagens para competições, entre outras. Em contrapartida, países como a França, exige que a formação do atleta e sua escolarização sejam compatíveis.

Leal e Quinta (2001) destaca que é fundamental que o modelo de jogo implantado em atletas de formação seja parecido com o aplicado em atletas de elite, para que exista mais chances de sucesso na integração desses jovens atletas em formação para a equipe principal.

Nessa etapa que os treinamentos específicos são aprimorados com horas de treinamentos corporais (Damo, 2005).

No caso dos atletas de elite, existe o entendimento que, de maneira geral, há um percurso por três estágios – iniciação, especialização e aperfeiçoamento - do crescimento do talento, e apenas alguns vivenciam o quarto estágio - manutenção

(BLOOM, 1985; DURAND-BUSH; SALMELA, 2004 apud PERES; LOVISOLO, 2006, p.212).

Embora alguns autores defendam a ideia de uma perspectiva genética de talento, o talento dos indivíduos vem de causas naturais dotados, possuindo qualidades (capacidades e habilidades) que nascem com eles (p.47), fazendo o chegar ao êxito em algumas atividades (LÉGER, 1986, PÉREZ, 1993; HOWE; DAVIDSON; SLOBODA, 1998 apud COSTA, 2005 apud MOITA, 2008), Já para Garganta (2004) – apontado por Moita (2008, p.48) acredita que, para ser um jogador diferenciado, não é o bastante nascer com talento, treinar torna-se imprescindível.

Equipe Multidisciplinar

De acordo com Silva (2018), até pouco tempo atrás, as comissões técnicas das equipes esportivas eram compostas apenas por profissionais de Educação Física e atletas aposentados (p.9). Porém, com o objetivo pela performance e resultados, teve um aumento dos profissionais envolvidos no alto rendimento, cada um atuando em sua especialidade, ajudando para a formação dos resultados (SILVA, 2018, p.9)

Guimarães e Ciolac (2004, p. 660), citados por Silva (2018), afirmam que:

Para potencializar os benefícios e a segurança da prática regular de atividade física, há a necessidade de prescrição individualizada e planejada de exercícios físicos para o desenvolvimento de capacidade cardiovascular, força, resistência muscular e flexibilidade articular. Devem-se levar em conta as metas, necessidades, capacidades iniciais, a história clínica do paciente e as doenças associadas (p.9).

Assim sendo, a conexão do conhecimento entre as disciplinas se torna importante por garantir um avanço técnico dos atletas, por meio de “uma equipe contendo vários profissionais de diversas áreas, possibilitando um estudo de fenômenos psicológicos que possam diminuir ou aumentar o desenvolvimento do atleta (GOUVEIA, 2001; EPIPHANIO, 1999 apud SILVA, 2018, p.9).

Complementando essa idéia, é evidente que um só profissional não é apto para dominar todas as etapas envolvidas nesse processo, dado que há o consenso

de que “na maioria das modalidades esportivas não existe uma única competência que caracterize a modalidade, mas sim, um conjunto de capacidades que é determinante” para um grande rendimento esportivo, e nessa ideia, se mostra o quão relevante é “a utilização de várias técnicas, e meios para melhorar os treinamentos vindas das mais diversas áreas” (ROSCHEL; TRICOLI; UGRINOWITSCH, 2011 apud SILVA, 2018, p.15).

No esporte de alto rendimento, segundo Silva (2018), não é diferente, já que “o trabalho em equipe no treinamento de atletas beneficia o preenchimento de lacunas existentes nos diversos aspectos da vida humana: social, físico, psicológico, psíquico, entre outros” (p.19).

Pode-se considerar que “a partir do momento que se reconhecem as tarefas específicas realizadas por um grupo profissional, se reconhece também o surgimento de outra especialidade” para apontar a “diferença entre as duas, e distingui-las a partir de habilidades e conhecimentos distintos” (MINELLI; SORIANO; FÁVARO, 2009 apud SILVA, 2018, p. 19-20).

Destaca-se, portanto, a importância “de uma cooperação mútua em equipes multidisciplinares do ramo, cada um na sua área, mas unidos” como “professores de educação física, técnicos, médicos, nutricionistas, psicólogos e administradores esportivos”, tendo como resultado “um sistema de seleção que garanta renovações e aumento no desempenho atlético de alto nível” (MONTAGNER; SILVA, 2003, p.188).

Retrospecto do Brasil no apoio e investimento ao esporte

A campanha brasileira nos Jogos Olímpicos do Rio, em 2016, foi histórica, pois bateu recordes de atletas, de medalhas – com sete de Ouro, seis de Prata e seis de Bronze -, além do melhor resultado geral com a décima terceira colocação (MERLONE, 2016).

Tais feitos, de acordo com Merlone (2016) deveriam “ser comemorados, mas não fazem do Brasil uma potência Olímpica”, já que “apesar dos diversos atletas de ponta, a formação desportiva nacional ainda é carente e deficitária” (s.n.). O Brasil, à título de informação, se encontra “abaixo de países que têm, PIB inferior e

população muito menor, como é o caso dos Países Baixos (11º lugar), Austrália (10º lugar) e Coréia do Sul (8º lugar) ” (MERLONE, 2016, s.n.).

Tal realidade, poderia ser (teoricamente) diferente, pois o sistema brasileiro “é essencialmente privado, pautado na formação desportiva por intermédio dos clubes, associações ou sociedades cuja a finalidade social é a promoção e prática do esporte” (MERLONE, 2016, s.n.).

Assim sendo, para Merlone (2016), “na fase de formação, o atleta brasileiro tem que subsistir por meios próprios, valendo-se das instalações de algum clube ou associação e de poucos recursos financeiros advindos das instituições privadas” (s.n.).

Dentre os recursos advindos do Governo Federal, há o Programa Bolsa-Atleta (Lei Federal no 10.891/2004), que está atrelado a consecução de resultados prévios pelo atleta. Essa forma de “atuação do Estado, isto é, no apoio a atletas já formados ou com possibilidades de êxito desportivo, é válido e, de certo, contribuiu para a significativa evolução do Brasil no quadro de medalhas” (MERLONE, 2016, s.n.).

A respeito dos recursos federais, sabe-se que são extremamente bem-vindos e representam uma importante fonte de renda para viabilizar a permanência do atleta no esporte”, no entanto, não é garantia que os atletas brasileiros “farão do Brasil uma potência olímpica”, já que, para isso, o “país precisa, inevitavelmente, integrar a formação desportiva à formação educacional de base” (MERLONE, 2016, s.n.).

Merlone (2016) aponta que o “patrocínio das Forças Armadas ou o Bolsa-Atleta não formam atletas”, pois “apenas permite com que os atletas formados prossigam em sua carreira” (s.n.).

Merlone (2016) cita o ponto de vista de Manoel Tubino, no qual “defende a adoção, pela Administração Pública brasileira (União, Estados e Municípios) de um sistema nacional do desporto pautado no ‘Esporte-Educação’”, podendo “servir de base para um estilo de vida ativo das pessoas, que poderão incorporar em suas culturas individuais, quando chegarem à idade adulta, a prática esportiva formal (como atleta) ou não-formal (como lazer) ” (s.n.).

Por esses motivos, o Brasil “não pode deixar de patrocinar, direta ou indiretamente, seus atletas de alto rendimento”, dado que “estes são a referência

dos mais jovens” (MERLONE, 2016, s.n.). Contudo, existe ainda, “o dever constitucional de investir [...] na formação desportiva, transformando suas escolas e universidades em verdadeiros centros de excelência na educação e prática desportivas”, para, quem sabe um dia, almejar “o glorioso status de potência olímpica”

Metodologia:

O seguinte projeto foi elaborado através de:

- Análise e compreensão sobre dados a que nos foi proposto;
- Debate (discussão entre o grupo);
- Coleta de evidência e dados;
- Pesquisas em endereços eletrônicos e artigos científicos.

Conclusão

Baseado em pesquisas feitas para elaboração e conclusão do presente projeto, podemos observar que existem vários estudos que contribuem para uma melhor formação de atletas preocupados, não somente, com sua condição física e tática, mas também com o desenvolvimento fisiológico, psicológico, lúdico e social dos mesmos. E, que apesar do Brasil estar caminhando positivamente para se tornar uma potência no esporte, ainda falta algumas considerações a serem ponderadas diante da falta de incentivo e investimento para com a Base, formação e o futuro dos seus atletas.

REFERÊNCIAS

PREUSS, 2008 apud CAMPOS; CAPELLE; MACIEL, 2017, p. 32.

Losa, J. A. M. (2007). **El entrenador de fútbol base**. Sevilla: Wanceulen

Editorial Deportiva, S.L.

Pereira, A. (1996). **Futebol Juvenil em Portugal: Escola de Formação?**

Horizonte, XIII, nº73, 23-25.

Hodges, N. J., & Franks, I. M. (2002) cit Milisted e Mesquita, (2010). **Modelling coaching practice: the role of**

Instruction and demonstration. Journal of Sports Sciences, 20, 793-811.

Raposo, A. (2006) apud Moita, 2008, p. 29. **A Formação Desportiva:** Um processo a longo prazo – Parte I. Revista Horizonte, Vol XXI – nº 122, p. I-VIII.

Garganta, J. (1986). **A preparação do jovem futebolista** (C.M. Oeiras ed.). Oeiras.

BASS, 1985; CONGER; KANUNGO, 1987; HOUSE, 1977 apud GOMES; CRUZ, 2006, p. 5.

Bizzocchi (2000) apud ANFILO, 2003, p. 48.

(Bompa, T. O. apud CARDOSO; SILVA, 2010, s.n.) **Treinamento total para jovens campeões.** Barueri: Ed. Manole, 2002.

Friedmann (1992)⁶ - citado no Portal Educação - / (kishimoto, 2008 apud Portal Educação, s.d.).

Melo, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro.** 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

Leal, M., & Quinta, R. (2001). **O Treino no Futebol: Uma Concepção para a Formação.** Braga: APPACDM.

Damo, A. **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.** 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

Bloom, 1985; Durand-Bush N.; Salmela J. **The Development Maintenance of Expert Athletic Performance: Perception of World and Olympic Champions.** J App Sport Psychol, v.14, p. 154 -171, 2004 apud PERES; LOVISOLO, 2006, p.212.

Leger, 1986, Perez, 1993; Howe; Davidson; Sloboda, 1998 apud Costa, R. (2005). **O caminho para a expertise – a prática deliberada como**

catalisadora do processo de formação dos expertos em Futebol. Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J. (2004a). **A formação Estratégico-Táctica nos jogos desportivos colectivos de oposição e cooperação.** In A. Gaya, A. Marques & G. Tani (Eds.), Desporto para Crianças e Jovens: Razões e Finalidades (pp. 217-233).

Universidade Federal do Rio Grande do Sul: UFRGS Editora. Apud por Moita 2008, p. 48.

Silva, Marcelo de Oliveira Gomes. **Atuação do educador físico e equipe multidisciplinar no esporte de rendimento.** / por Marcelo de Nicholas Maciel Merlone Merlin; 14 de setembro de 2016. ESTADO DE DIREITO, Informação formando Opinião. **Jornada de Educação Física do Estado de Goiás: Corpo, ciência e mercado: os desafios para a Educação Física.** Universidade Estadual de Goiás (Campus Goiânia ESEFFEGO). Goiânia: UEG, v. 1, n. 1, 5 a 7 de dezembro de 2018.